

VIRUS

29

O DIGITAL E O SUL: TENSIONAMENTOS VOL. 2

PORTUGUÊS-ESPAÑOL | ENGLISH
REVISTA . JOURNAL
ISSN 2175-974X
CC-BY-NC-SA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
NOMADS.USP
REVISTAS.USP.BR/VIRUS
DEZEMBRO 2024

NO
MA
DS
USP

IAU^{USP}
USP

WI29

O DIGITAL E O SUL: TENSIONAMENTOS VOL. 2
THE DIGITAL AND THE SOUTH: QUESTIONINGS VOL. 2
LO DIGITAL Y EL SUR: CUESTIONAMIENTOS VOL. 2

EDITORIAL

- 001 O DIGITAL E O SUL: TENSIONAMENTOS VOL. 2
THE DIGITAL AND THE SOUTH: QUESTIONINGS VOL. 2
LO DIGITAL Y EL SUR: CUESTIONAMIENTOS VOL. 2
MARCELO TRAMONTANO, JULIANO PITA, PEDRO TEIXEIRA, CAIO NUNES, ISABELLA CAVALCANTI, RENAN TEIXEIRA, ALINE LOPES

ENTREVISTA

- 004 O TECNOCENO E O RESTABELECIMENTO DE UM HORIZONTE DE URGÊNCIA
THE TECHNOCENE AND THE REESTABLISHMENT OF A HORIZON OF URGENCY
EL TECNOCENO Y EL RESTABLECIMIENTO DE UN HORIZONTE DE URGENCIA
HENRIQUE PARRA, PEDRO TEIXEIRA, MARIO VALLEJO

ÁGORA

- 015 DA DISFORIA COMO POTÊNCIA DAS CONTRADIÇÕES: UMA APOSTA DE PAUL B. PRECIADO
DYSPHORIA AS THE POTENCY OF CONTRADICTIONS: A BET BY PAUL B. PRECIADO
MARCOS BECCARI
- 024 ESTRUTURAS DIGITAIS / ESTRUTURAS URBANAS MODERNAS
DIGITAL FRAMEWORKS / MODERN URBAN FRAMES
CARLOS FEFERMAN
- 034 SUL GLOBAL À DERIVA: REGULAÇÃO DIGITAL NA UNIÃO EUROPEIA E NO BRASIL
GLOBAL SOUTH ADRIFT: DIGITAL REGULATION IN THE EUROPEAN UNION AND BRAZIL
MAGNO MEDEIROS
- 044 ATIVISMO DIGITAL E (DES)REGULAÇÃO DE PLATAFORMAS NO CONTEXTO ELEITORAL
DIGITAL ACTIVISM AND PLATFORM (DE)REGULATION IN ELECTORAL CONTEXT
ARNALDO DE SANTANA SILVA, MILENA CRAMAR LÔNDERO, VITÓRIA SANTOS

- 054 COSMOPLATAFORMIZAÇÃO: PLATAFORMAS DIGITAIS A PARTIR DO SUL GLOBAL
COSMOPLATFORMIZATION: DIGITAL PLATFORMS FROM THE GLOBAL SOUTH
ELI BORGES JUNIOR, EVANDRO LAIA, BRUNO MADUREIRA
- 063 BOTS SOCIAIS: UMA CONTROVÉRSIA SOCIOTÉCNICA
SOCIAL ROBOTS: A SOCIO-TECHNICAL CONTROVERSY
RAMON FERNANDES LOURENÇO
- 072 TERRA, LIBERDADE E DIVERSIDADE: METÁFORAS PARA O MUNDO DIGITAL?
LAND, FREEDOM, AND DIVERSITY: METAPHORS TO THE DIGITAL WORLD?
LUCCA AMARAL TORI
- 082 ENTRE JANELAS FÍSICAS E VIRTUAIS: ABERTURAS DO MORAR NA PANDEMIA
BETWEEN PHYSICAL AND VIRTUAL WINDOWS: OPENINGS OF LIVING IN THE PANDEMIC
PAULA LEMOS VILAÇA FARIA

PROJETO

- 091 CONJUNTO ECOLÓGICO
ECOLOGICAL ENSEMBLE
ANA CECILIA PARRODI ANAYA

**ENTRE JANELAS FÍSICAS E VIRTUAIS:
ABERTURAS DO MORAR NA PANDEMIA**
**BETWEEN PHYSICAL AND VIRTUAL WINDOWS:
OPENINGS OF LIVING IN THE PANDEMIC**
PAULA LEMOS VILAÇA FARIA

Paula Lemos Vilaça Faria é Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura e Urbanismo e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisa as domesticidades e contra-domesticidades no Brasil, abordando as relações espaciais dentro/fora e as narrativas sobre a casa a partir do isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19. paulalemosvilaca@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8112055532017804>

Resumo

Este trabalho busca discutir as janelas físicas e virtuais evidenciadas durante a pandemia de COVID-19, entre os anos de 2020 e 2023, pensando novas formas de compreender a produção do espaço doméstico e a ambiguidade das aberturas no período de isolamento, partindo de textos das escritoras brasileiras Helô D'Angelo (2022) e Aline Valek (2021). A partir do tema "O digital e o Sul: tensionamentos", coloca-se em diálogo a percepção da pandemia sob os olhares, no Brasil, de pessoas usuárias de espaços projetados por arquitetos, percepções do morar vindas dessas escritoras que foram compartilhadas inicialmente online durante os momentos mais dramáticos do período de isolamento. Utilizando a metodologia da colagem, em que se aproxima o distante, segundo Fuão (2014), são trazidos o pensamento do filósofo Paul Virilio ([1993] 2014) e da pesquisadora Beatriz Colomina (Colomina, Bodegraven & Al Assal, 2023), para discutir a permeabilidade do morar em meio às tecnologias digitais. Em um momento em que a casa se tornou mais introvertida, e o contato com o mundo exterior se deu por janelas de múltiplas naturezas, as fronteiras entre dentro e fora, físico e digital, foram borradas, ainda que simultaneamente reforçadas devido às medidas sanitárias impostas pelo isolamento social.

Palavras-chave: Arquitetura, Morar, Janelas, Pandemia, Literatura

1 Introdução

A quadrinista e ilustradora paulista Helô D'Angelo, antes do começo da pandemia de Covid-19 em 2020, mudou-se para um apartamento no térreo de um prédio, em um bairro que, a princípio, parecia tranquilo, na cidade de São Paulo. Quando o isolamento social foi imposto pelas instituições sanitárias, muitas pessoas cumpriram as medidas confinando-se em casa, o que as levou a um cotidiano com novos sons e movimentações dos vizinhos, como aquelas vistas da janela de D'Angelo. A partir da observação desse dia-a-dia confinado, a quadrinista passou a criar tirinhas com base em cenas que via de sua janela, publicadas, inicialmente, em suas redes sociais, ao longo da pandemia e, posteriormente, reunidas em uma publicação impressa (D'Angelo, 2022). No primeiro quadrinho, são apresentadas ao leitor, em uma vista de fachada, as doze janelas dos apartamentos em que vive cada núcleo de personagens que aparece nas histórias, os quais são retratados ao longo desses quase três anos de pandemia. O leitor é, então, um *voyeur*, como a própria autora também se coloca, observando a vida desses vizinhos como alguém que se situa na janela oposta a esse condomínio fictício.

No livro, intercalado entre alguns blocos dos quadrinhos, estão pequenos textos que contextualizam o momento em que foram escritos, para o leitor que pode não ter acompanhado o ritmo das publicações nas redes sociais em que D'Angelo postava, em tempo real, de maneira simultânea às notícias que eram divulgadas durante o isolamento. Dessa forma, a quadrinista acaba por levar para a história suas próprias angústias diante das incertezas da pandemia. Entre panelaços contra o governo e gritos de seus apoiadores, o Brasil enfrentava, ali, um aumento vertiginoso de mortes, chegando a cinquenta mil óbitos, em junho de 2020 (Coelho, 2020). Para a autora, parecia que aquela seria a situação limite, que não seria ultrapassada. Porém, ainda era o começo. O artista plástico e escritor Nuno Ramos (Wisnik & Vieira, 2022) também fala de sua angústia durante este período. Ele menciona essa impressionante ausência de limite em uma conversa de maio de 2020, onde descreve aquele momento como uma espécie de perda absoluta de contornos e de limites, uma aparente queda infinita, sem chão à vista.

Em uma entrevista, D'Angelo (Vital, 2021) conta que seu novo apartamento transformava sua janela em um camarote voltado para toda a vizinhança. A partir do que via do lado de fora dessa abertura, ela também diz como é importante ser um bom fofoqueiro para quem conta histórias, uma vez que a observação da vida alheia pode compor um material complexo e verossímil para a escrita. "Então, nesse sentido, acho que para além da inspiração eu gosto de tecer finais para essas histórias que ouvimos pela metade", diz D'Angelo (Vital, 2021). O entrevistador levanta, então, outra questão, sobre a semelhança das varandas que D'Angelo desenha em relação a perfis em redes sociais, e pergunta se seus vizinhos de rede também fazem parte de suas histórias, ao que ela responde:

[...] Com certeza, muito da inspiração para a HQ vem de outras fontes que não os vizinhos em si. E como passamos muito tempo pendurados nessas "janelas" das redes sociais, acredito que muito das histórias vindas das redes se derrama para Isolamento. Principalmente as histórias mais gerais, como o sentimento das pessoas naquele momento específico – um período de muitos panelaços, ou um período de recorde de

mortes, por exemplo –, e algumas específicas, como a de uma blogueira que, ao ser cancelada, começa um caminho de autocuidado e terapia. Pra citar Drummond, acho que são vários sentimentos do mundo que eu desenho na HQ, e como o mundo está restrito às janelas (reais ou virtuais), acabo usando o material que chega para mim. (Vital, 2021, s.p., grifos do autor)

Durante o isolamento, as janelas adquiriram uma função além de membrana de separação entre o dentro e o fora das casas, funcionando também como um meio permeável de comunicação coletiva e manifestação política, enquanto as ruas estavam momentaneamente interditadas. A escritora Aline Valek (2021) menciona a sincronia dos gritos com diferentes propósitos vindo de seus vizinhos, no texto *Hora da Sincronia*. Valek também possui uma curiosidade de entender “fofocas pela metade”, principalmente naquele momento em que muitos estavam ilhados em suas casas. Os gritos das janelas, em protesto ou como uma forma de externalizar as angústias da vida pandêmica, trouxe a possibilidade de uma interação com o outro, mesmo sem vê-lo. Mas foi a partir das janelas físicas e das virtuais, como dito por D’Angelo (Vital, 2021), que a sociabilidade com o mundo exterior durante o confinamento se fez mais presente, exacerbando a individualidade de cada unidade habitacional.

Alguém gritou GOL da janela [...]. A vizinha de outro prédio entendeu outra coisa, foi catar a panela e começou a gritar um “Fora Bolsonaro!” fora de hora. Errada não está. Não acho errado gritar da janela, precisamos normalizar e ressignificar o grito na janela, especialmente quando vivemos em confinamento. Você pode até me dizer “perai, depende” e poderíamos pensar em quais situações seria aceitável ou não gritar na janela, como hipotéticos legisladores do urro. Em linhas gerais, o grito na janela socialmente aceito é aquele que pertence a mais de uma pessoa, aquele que convida para gritar junto. O grito que é confortável porque todos estão sincronizados no mesmo sentimento, no mesmo assunto. Estão assistindo à mesma cena: um jogo de futebol, um desastre político e humanitário, os últimos segundos do ano. [...] Um ano de pandemia é tempo o suficiente para você se tornar uma pessoa completamente diferente; por outro lado, nem esse tempo é capaz de mudar outras coisas. Feito os painéis noturnos que continuam com o mesmo vigor do ano passado, motivados pelo ódio ao pequi roído que nos governa. (Valek, 2021, s.p., grifos do autor)

O arquiteto e professor Guilherme Wisnik (Coutinho, 2020), em entrevista à revista Gama, foi perguntado sobre sua relação com a janela de sua casa durante a pandemia, se “há mais mundo entrando ou saindo por ela” (Coutinho, 2020, s.p.). Ele respondeu que a janela representa um canal de mão dupla enquanto ligação com o mundo exterior. Wisnik indaga se, talvez, não seja um acaso o fato de usarmos o termo janela também para para as telas que abrimos frequentemente para comunicação, via plataformas digitais. Em seguida, ele menciona o filme *Janela Indiscreta*, de Alfred Hitchcock (1954), para falar da relação com os outros ao seu redor, durante esse período.

O longa-metragem segue um fotógrafo que, isolado em seu apartamento para se recuperar de uma fratura, observa seus vizinhos e, em certo momento, começa a suspeitar de que um crime foi cometido por um deles. A partir das histórias fragmentadas das janelas materiais e imateriais narradas por D’Angelo (Vital, 2021) e Wisnik (Coutinho, 2020), ou dos gritos em uníssono mencionados por Valek, percebe-se como as aberturas foram protagonistas desse estado de espera durante o isolamento. Inserindo-se na discussão “O digital e o Sul: tensionamentos”, este trabalho parte dessas percepções sobre as múltiplas janelas que se mantiveram abertas, no Brasil, ao longo da pandemia, demonstrando a ambiguidade entre meios físicos e digitais nesse período. Discute-se o habitar na contemporaneidade, realizando uma leitura crítica dessas experiências, em diálogo com uma análise teórica voltada para a arquitetura. A seguir, serão discutidas as múltiplas aberturas no contexto digital, utilizando o pensamento de Paul Virilio ([1993] 2014) e Beatriz Colomina (Colomina, Bodegraven & Al Assal, 2023), para tentar compreender, de forma similar ao personagem de Hitchcock (1954), como passamos a observar e ser observados, de forma indiscreta.

2 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho advém de uma prática que tem sido refinada nos últimos anos, em outros trabalhos, e em uma recém defendida dissertação de mestrado. Trata-se da colagem, que demonstrou como esse percurso construiu um modo particular de se fazer pesquisa. Para sua delimitação como prática metodológica, partiu-se, inicialmente, do modo de pensar por constelações, descrito por Rita Velloso (2018) a partir de Walter Benjamin, em que o autor menciona a relação entre os componentes investigados, como estrelas e suas linhas imaginárias que se conectam em determinado conjunto. Este pensamento aborda a relação pela proximidade entre uma estrela e outra, mas também os sentidos possíveis que o conjunto pode demonstrar (Velloso, 2018).

O referencial bibliográfico que constrói esta metodologia também é constituído por uma bagagem proveniente da literatura de ficção, com

perspectivas de outros autores sobre o processo da própria escrita. Uma das escritoras de grande importância nesse percurso formativo é Ursula K. Le Guin (2021). No ensaio *A teoria da bolsa de ficção* (2021), a autora discute como as narrativas são frequentemente lineares, privilegiando armas e a jornada do herói. Le Guin (2021) propõe uma nova racionalidade, que valoriza o recipiente e o espaço onde se armazenam itens durante o caminho. A escritora aborda a escrita e a criação como um ato de carregar uma bolsa com elementos diferentes, que vão se agregando e se articulando, mesmo sem conexões iniciais aparentes.

Assim, construiu-se um *modus operandi* que acumula objetos durante uma imersão temática, permitindo pensar os sentidos possíveis. Este método se aproxima do que a pesquisadora e arquiteta Beatriz Colomina descreve em *Ainda escrevendo* (Colomina, 2023b), onde aborda sua metodologia de pensar por imagens. A aproximação em relação ao método de Colomina, que também é bastante transdisciplinar, torna-se, então, um instrumento para investigar a arquitetura, que pode ser descrito como um pensamento por colagens, uma vez que o texto possui a mesma importância que as imagens. Segundo Fernando Fuão (2014), a colagem aproxima o distanciado diante de um mundo fragmentado. Ao se abordarem as múltiplas janelas que permeiam o cotidiano contemporâneo, com foco na pandemia, torna-se pertinente pensá-las sob essa perspectiva metodológica.

3 Desenvolvimento

No texto *A parede cindida* (Colomina, 2023a), Beatriz Colomina reflete sobre a palavra *window*, “janela”, em inglês, cuja etimologia

revela que ela combina *wind* (vento) e *eye* (olho) (ventilação e luz nos termos de Le Corbusier). Como observou Georges Teyssot, a palavra combina "um elemento do exterior e um aspecto de interioridade". A separação na qual a moradia se baseia é a possibilidade de um ser se instalar. (Colomina, 2023a, p. 75)

A associação entre janelas físicas e virtuais, feita por D’Angelo (Vital, 2021) e por Wisnik (Coutinho, 2020), e a análise etimológica da palavra “janela” são o ponto de partida para a discussão da evidência deste elemento durante o confinamento. Mesmo que a quadrista e o arquiteto tenham distinguido estes dois tipos, houve uma espécie de hibridização entre ambos, trazendo maior ambiguidade para defini-las atualmente.

No texto mencionado anteriormente (2023a), Colomina traz o arquiteto e filósofo francês Paul Virilio e sua discussão sobre as mudanças na construção e percepção espacial da arquitetura, com o surgimento de interfaces eletrônicas dentro das casas. Ao recapitular o pensamento de Virilio, Colomina retoma a figura das janelas a partir do olhar, dizendo que o olho funciona como uma porta para a arquitetura, e a porta, sendo um elemento arquitetônico, é a primeira estrutura de uma janela. As observações de Virilio vêm dos anos 1980, referindo-se, principalmente, ao cinema, à presença marcante da televisão no espaço doméstico e ao começo da Internet. Mas a presença constante da dualidade do tempo e do espaço em sua análise se fazem pertinentes atualmente, principalmente para se pensarem as espacialidades na pandemia.

Em *O Espaço Crítico: e as perspectivas do tempo real* (Virilio, [1993] 2014), o autor parte do pressuposto de Walter Benjamin sobre o cinema, que, segundo ele, é capaz de explodir as possibilidades do espaço, ampliando-o através do grande plano da câmera, “permitindo-nos empreender viagens aventurosas entre as ruínas arremessadas à distância” (Virilio, [1993] 2014, p. 67). A metáfora do espaço como fragmentos projetados à distância, por meio de novas tecnologias, trata de um tipo de sistema aberto, com limites não percebidos facilmente. Em seguida, o filósofo francês tenta prever como o sistema de telecomunicações poderá impor uma nova forma de morar, fincada em princípios de inércia e sedentariedade de seus moradores,

[...] cidadãos de direito para quem a liberdade de ir e vir é subitamente substituída pela liberação de uma recepção a domicílio... [...] O novo "escritório" não é mais o cômodo à parte, este apartado arquitetural, tendo se tornado uma simples tela. O espaço reservado ao trabalho e ao estudo no apartamento burguês passou ser o terminal de um escritório-visor em que aparecem e desaparecem instantaneamente os dados de uma teleinformação, na qual três dimensões do espaço construído são transferidas às duas dimensões de uma tela ou, antes, de uma interface que não somente substitui o volume do antigo cômodo, com sua mobília, sua arrumação, seus documentos e plano de trabalho, mas que economiza também o deslocamento mais ou menos distante de seu ocupante. Esta transformação, da qual o confinamento inercial do novo escritório tornou-se o polo de gravidade, centro nodal de nossa sociedade (tecnoburocrática), explica, se necessário, o atual remanejamento "pós-industrial". (Virilio, [1993] 2014, p. 84-85, aspas do autor)

Estas observações acabaram se consolidando até os dias atuais, principalmente com a ubiquidade da Internet em nosso cotidiano. Superando a onipresença televisiva e de outras técnicas abordadas por Virilio (2014), o sedentarismo foi renovado nos centros urbanos, de forma contínua. Quando analisamos o isolamento imposto pela pandemia como um tipo de sedentarismo excepcional, inferimos também o agravamento de algo que já estava em curso.

A percepção do filósofo sobre o teletrabalho, reduzido, de fato, a uma tela, é materializada atualmente nas múltiplas telas-janelas nas palmas de nossas mãos, dispositivos tecnológicos presentes no cotidiano de grande parte da população. Janelas que se confundem, como dito por D'Angelo (Vital, 2021), misturando as janelas dos vizinhos imediatos, ao lado de nossas casas, com aqueles mais distantes, com quem dividimos o terreno das redes sociais, as últimas em um estado quase permanente de abertura. Para Virilio ([1993] 2014), aproximar o tempo por meio das telecomunicações é, inversamente, um afastamento no espaço, que significa

dissipar ao longe estas ruínas esparsas que não são mais somente os fragmentos do universo concentracionário denunciado por Benjamin, mas ainda as pessoas, os teletrabalhadores, objetos e sujeitos de uma transmutação energética e cinemática, na qual a visão não é mais unicamente a da produção industrial, mas a da representação à distância, a desta redução estrutural e pós-industrial, que afeta o conjunto das relações de vizinhança, e a respeito da qual o filósofo alemão dizia ainda que: “cada dia fica mais irresistível a necessidade de se possuir o objeto, de tão perto quanto possível, na imagem ou antes na sua cópia, na sua reprodução.” Aqui, suspeitamos, as noções de dimensão e proximidade não são tanto as do espaço físico, mas as deste tempo de exposição (fotográfica, cinematográfica ou infográfica), noções deste tempo de resposta quase instantâneo, independentemente da distância entre os interlocutores... Aproximar para “desconstruir” estruturalmente ou para “dissipar ao longe”, aqui, as funções do olho e da arma se confundem, já que, por definição, a resolução da imagem transmitida é instantaneamente sua redução, mas uma redução que afeta não somente o conteúdo da representação, a forma-imagem projetada, mas ainda o espaço construído e a forma do território, de onde está promoção da organização do tempo, a organização cronopolítica das sociedades avançadas. (Virilio, [1993] 2014, pp. 69-70, aspas do autor)

Virilio ([1993] 2014) menciona também uma fratura morfológica e arquitetônica, pois a fragmentação e a decupagem do espaço material em dimensões geométricas, com as separações do espaço construído, têm sido substituídas por um corte instantâneo, quase imperceptível no tempo das telecomunicações, conforme Faria (2024):

Há uma inércia devido à concentração no tempo real relativo à emissão e à recepção através dos meios, em detrimento da, ou renovando a forma como se dá a concentração prévia no espaço real de morar em conjunto em uma vizinhança, característica da arquitetura das cidades. O povoamento do tempo passa a ter um peso maior que o povoamento do espaço urbano, levando a noção de proximidade a receber outros significados. (Faria, 2024, p. 59)

Ao utilizar o termo “distanciamento social” (Carvalho, Ninomiya & Shiomatsu, 2020), a Organização Mundial de Saúde denota também sua ambiguidade. Ainda que este termo tenha sido eficaz para manter parte da população confinada em suas casas, as sociabilidades adquiriram outras formas de aproximação, justamente através das tecnologias digitais. Houve uma tentativa de transposição de fragmentos de espaços coletivos da cidade para as espacialidades virtuais, a partir das plataformas digitais, como uma espécie de campo comum para aproximações durante o isolamento. Porém, estas sociabilidades, como o ponto de partida de D'Angelo (2022), enquanto autora-observadora das histórias dos vizinhos, passou a reforçar também um individualismo que já estava colocado desde antes dos decretos de isolamento físico.

Virilio ([1993] 2014) menciona, ainda, algumas noções bastante pertinentes dentro desta discussão, partindo das consequências da fragmentação do espaço em compartimentos individualizados, referindo-se à separação e distribuição funcional de uma casa em cômodos. Para abordar essa “fratura na qual o arquitetônico sofre uma série de distorções topológicas cujos efeitos não percebemos nitidamente” (Virilio, [1993] 2014, p. 74), o filósofo utiliza elementos como paredes, janelas, portas e chaminés para discutir os acessos ao espaço da casa. Virilio considera todas estas aberturas como tipos de janelas.

A primeira é a porta, responsável por dar acesso à residência, como seu limiar. A porta-janela é responsável pela articulação entre o dentro e o fora, pois implica, necessariamente, em uma penetrabilidade, para que se dê o acesso ao interior/exterior. A segunda janela seria aquela que surgiu posteriormente, uma vez que não existia, nas primeiras casas, uma abertura exclusiva para a iluminação, exceto as chaminés. Essa janela, como um tipo de interface, surgiu, inicialmente, nos locais de devoção, popularizando-se, posteriormente, nas casas rurais e nas residências burguesas. A terceira janela é a tela da televisão, “removível e portátil que se abre sobre um ‘falso-dia’”. (Virilio,

[1993] 2014, p. 74, aspas do autor). Uma de suas principais características, diferenciando-a das outras, é a de não se orientar para um exterior imediato. Trata-se de uma abertura introvertida, que se volta para exteriores distantes, para além de seu entorno.

Meios de acesso físico e de comunicação à distância, as mídias audiovisuais e automóveis se fundem aqui para desintegrar a estrutura arquitetônica tradicional. De fato, assim como o televisor sobre sua mesa, diante da poltrona, não é um objeto independente da abertura de paredes, a garagem não deveria ser considerada como um volume estranho, separado dos outros cômodos. Ambos são limiares de transformação que provocam a anamorfose das estruturas construídas (arquiteturais e urbanísticas). Componentes da mobília, assim como as cadeiras, as camas ou as diversas disposições dos móveis, os meios de transporte e de telecomunicação contribuem portanto para dissipar a estabilidade, a estática do equilíbrio imobiliário. Fenômeno de substituição acelerada, a residência contemporânea tornou-se o cruzamento dos *mass-media*, de tal forma que a garagem poderia muito bem substituir a casa, esta "residência" que em sua origem era nada mais do que o "estacionamento" dos móveis do nômade... (Virilio, [1993] 2014, p. 75, aspas, grifos e parênteses do autor)

Virilio ([1993] 2014) segue a discussão, questionando se, no futuro, ocorrerá uma dissolução do imóvel a partir dessas unidades fragmentadas do espaço arquitetônico, aliadas à autonomização e supervalorização da janela-tela, nesse caso, da televisão.

A atopia domiciliar já não é perceptível na conurbação das cidades e dos subúrbios?... O desenvolvimento pretensamente "funcional" da planta arquitetural moderna, com seus espaços funcionais/desfuncionais, sua divisão em cômodos principais e secundários, não seria efeito de real dos diferentes meios de acesso (porta, janela, escada, elevador..), mas ainda o efeito dos meios de comunicação automóvel e das telecomunicações audiovisuais?... Quanto à evolução recente das tecnologias avançadas, coloca-se ainda esta última questão: Se a residência é nada mais do que a anamorfose do limiar, onde irá parar a instrumentação do habitat? (Virilio, [1993] 2014, p. 76, aspas e parênteses do autor)

O filósofo discute também a forma como essas tecnologias têm avançado no tempo para a criação de um falso dia suplementar, já que a janela desses dispositivos tecnológicos detém o poder de criá-lo artificialmente. O professor estadunidense Jonathan Crary (2016) aborda esse dia infinito, ao discutir o estado atual do capitalismo, que exige uma dedicação ao consumo durante vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. No contexto da pandemia, é inevitável associar essas dissoluções de fronteiras com o espaço onde são inscritas as atividades temporais, levando a uma tentativa de iluminação ininterrupta de todas as esferas do cotidiano, voltada para obliterar a alternância entre noite e dia. Ela leva à existência de um dia produtivo infinito, com janelas sempre abertas. Dessa forma, retomar a janela-tela de Virilio é analisá-la como o começo de uma dispersão dessa abertura para outras telas, pequenas janelas para um mundo exterior infinito, que não mais se ancoram no espaço da casa, e sim ao corpo, devido ao seu tamanho e mobilidade.

Nessa lógica, tempo e espaço são distorcidos e passam a permanecer em uma continuidade ininterrupta, devido à fragmentação do espaço e do tempo e à ausência de uma separação demarcada entre os períodos diurno e noturno. O filósofo ainda diz que esse tempo contínuo pode até ser o tempo cronológico da história, mas não se encaixa propriamente no cotidiano. Isto ressalta o papel das interrupções na estruturação do tempo, na escala do indivíduo, e aqui chamamos a atenção para este aspecto, principalmente, durante o isolamento social.

Entre os anos de 2020 e 2023, ao longo da pandemia, o limite físico impôs-se de forma mais dramática, enquanto o limite temporal passou a ser mais turvo, devido ao acúmulo de atividades cotidianas em um único espaço: a casa, ainda mais introvertida. O confinamento reduziu consideravelmente as marcações e fragmentações entre uma esfera e outra da vida, concentrando-as em um fluxo contínuo de trabalho, estudo, lazer e descanso, com uma temporalidade praticamente lisa, devido à ausência de demarcações nítidas, como as espaciais, e, com isso, não necessariamente seguindo a divisão clara entre dia e noite. Virilio diz:

Observemos que, hoje em dia, a tecnologia desempenha um papel análogo ao criar novas interrupções de todas as formas, uma modificação do tempo próprio, uma distorção do dia astronômico que traz consequências tanto para a organização do espaço urbano quanto para o espaço da arquitetura, já que a janela tende a ter precedência sobre a porta. Ao dia solar, que estruturava o espaço da vida (e também da cidade), sucedeu-se um dia químico, em que a luz das velas permitira um certo desenvolvimento das atividades noturnas, e depois um dia elétrico, que prolongava indefinidamente a percepção da jornada (com a reorganização da produção que nós conhecemos). Com o recente advento do dia eletrônico, este prolongamento da duração do dia e da visibilidade é duplicado por uma propagação no espaço, extensão de um CONTINUUM (audiovisual e tele-topológico) que apaga tanto os antípodas e as distâncias geográficas quanto os ângulos mortos do espaço construído com a televisão em circuito fechado. [...] De fato, ocorre com a atualidade o que já ocorreu com a modernidade: ela já passou... Ao instante da percepção direta dos objetos, das superfícies e dos volumes (naturais ou construídos), sucede uma recepção indireta e mediatizada, uma interface que escapa à duração cotidiana, ao calendário da cotidianidade. Não nos enganemos mais, portanto, pois não seremos jamais os vizinhos da proximidade televisual, os *media* não são nossos contemporâneos; vivemos hoje uma separação cada vez maior entre a imediatez de sua retransmissão e nossa capacidade de compreender e avaliar o instante presente. (Virilio, [1993] 2014, p. 78-79, parênteses do autor)

Para o filósofo, a ausência de tempo presente em uma comunicação instantânea chega ao edifício, reduzindo-o quase a uma forma-imagem. Utilizando termos como videocidade (Virilio, [1993] 2014, p. 81) e urbanização televisual (Virilio, [1993] 2014, p. 81), Virilio descreve essa conformação a partir de seu presente, a qual, ao chegar à contemporaneidade, tornou-se mais acentuada.

Não se trata mais, aqui, da supremacia de um meio de informação sobre a imprensa, o rádio ou o cinema: é a casa que se transforma em uma "casa de imprensa", uma arquitetura em que a dimensão-informação se acumula e se comprime, em concorrência direta com as dimensões do espaço das atividades diárias. O esquema da vida, o enquadramento do "ponto de vista" na arquitetura das portas e pórticos, das janelas e espelhos, são substituídos por um enquadramento catódico, uma abertura indireta onde um "falso-dia" eletrônico funciona como a objetiva das câmeras, a reverter não somente a ordem das aparências em benefício de uma "transparência" imperceptível, mas ainda a supremacia de determinados elementos construtivos, concedendo, assim, à janela catódica o que ela retira tanto em termos de acesso, como de luz do dia (Virilio, [1993] 2014, p. 82, aspas do autor)

A descrição de Virilio assemelha-se bastante com as análises de Paul B. Preciado, no livro *Pornotopia: An Essay on Playboy's Architecture and Biopolitics* (2019), sobre a dinâmica política e sociocultural durante a Guerra Fria. Esta dinâmica foi responsável por dar forma aos espaços domésticos e públicos em cidades estadunidenses, incorporando mecanismos alienantes e simbólicos. Uma dessas lógicas espacializadas materializou-se no apartamento de solteiro discutido por Preciado (2019), que trouxe a estética do espião a partir da transformação da moradia masculina em um centro de comando. A moradia, concebida como a casa de imprensa de Virilio, é colocada também como a imagem de uma nave espacial navegando solitária pelo espaço, com as primeiras janelas seladas, voltadas para um exterior obliterado, enquanto as janelas das telecomunicações e seu painel de controle ganham maior importância. Dito isto, é possível observar como os regimes de visibilidade da arquitetura têm se tornado cada vez mais ambíguos:

Se a arquitetura, por exemplo, permite ver, por intermédio da materialidade da ereção dos muros, das paredes, a construção os prédios, ainda assim ela contribui para dissimular (de forma ocular) o horizonte das aparências, e interrompe tanto quanto as tecnologias de ponta descritas anteriormente, as comunicações, no encarceramento, nas zonas de sombra... Esta ocultação é, portanto, muito mais do que qualquer demonstração, o denominador comum das tecnologias (antigas ou novas), o analisador privilegiado da organização do espaço e do tempo. Se o primeiro "quadro", o primeiro meio de representação ocular, é a abertura das portas e dos postigos, muito antes da pintura com cavalete, pintura que muitas vezes ficava fechada sobre si mesma, como no tríptico, por exemplo, seria preciso tentar repensar o "inconsciente visual", a natureza do abrir e do fechar, mais do que concentrar-se apenas sobre as performances demonstrativas da ótica eletrônica ou outra. Quanto a isto, é extremamente revelador observar a evolução, a extensão tridimensional da abertura de iluminação desde o antigo claustro, as janelas divididas por colunas da Idade Média, os grandes vitrais e rosáceas, estes "efeitos especiais" da arquitetura gótica, até às *bow windows* e às grandes estufas metálicas do século passado, antes de chegar às fachadas de vidro das torres de muitos andares, às paredes-cortina que são contemporâneas da invenção e do desenvolvimento da abertura catódica, para que possamos descobrir a importância desta transmutação das aparências, a futura supremacia da janela televisual sobre a porta e os meios de acesso tradicionais, supremacia que já contribui, hoje, para o declínio do espaço público e de numerosos equipamentos coletivos [...]. (Virilio, [1993] 2014, p. 84-85, aspas do autor)

4 Considerações finais

Apontamos para um atual estado em que há uma substituição da porta pela janela, que passa a ser o principal elemento arquitetônico ordenador do espaço, afetando a arquitetura e seu pressuposto, preterindo o acesso físico e a presença efetiva ao segundo plano da experiência real. Quando Virilio menciona a primazia do "protocolo de acesso" (Virilio, [1993] 2014, p. 93), percebe-se também uma proximidade com o contexto do isolamento social, devido à onipresença das janelas artificiais e pela imposição real de protocolos sanitários para adentrar os espaços, visando evitar a contaminação pelo vírus

Não há porque nos surpreendermos, portanto, diante dos cenários "pós-modernos", o caráter ambíguo de uma arquitetura que se tornou superficial, a mediatização do ambiente não atinge mais apenas os equipamentos de comunicação: torres de controle, central de vídeo, centro NODAL, central informática, etc., mas também o espaço íntimo, a própria natureza da domiciliação, com o desenvolvimento da teledistribuição; desenvolvimento que pode ser exemplificado pelo apartamento do presidente Servan-Schreiber (Centro Mundial de Informática), pois cada cômodo, à exceção do quarto de dormir, é dominado por um mobiliário eletrônico avançado, conjunto de computador-telex para a correspondência (ligado a um satélite), computador com jogos para crianças, computador de administração para a contabilidade doméstica, computador educativo para o aprendizado de línguas, história ou matemática, processador de textos substituindo a antiga máquina de escrever, sem falar nas televisores e videocassetes. (Virilio, [1993] 2014, p. 93, aspas e parênteses do autor)

É possível perceber uma alteração na percepção do morar entre janelas físicas e virtuais, sendo as últimas cada vez mais privilegiadas,

mesmo em um momento posterior ao confinamento. Hoje, a casa pode ter todos os cômodos com janelas, mesmo sem aberturas físicas para o exterior imediato. Através das aberturas digitais, o exterior é o mundo inteiro. Além disso, a casa, enquanto hermeticamente fechada para seu entorno, também se mostrou como algo anterior, a partir das premissas enunciadas por Virilio (2014) e recapituladas por Colomina (2023a): apesar de inseridas em outros contextos, também supunham sua ocupação em um estado de isolamento.

Pode-se, então, inferir que, a partir dessas leituras, as janelas, ainda que diferenciadas pela natureza de sua materialidade, acabaram por tornar-se ciborgues no cotidiano atual, condição evidenciada nos anos pandêmicos. Utiliza-se este termo a partir da filósofa Donna Haraway (Tadeu, 2000), compreendendo as aberturas como híbridos de fronteiras permeáveis. Haraway (Tadeu, 2000) questiona o purismo das divisões binárias entre natural e artificial, algo valioso de se trazer para a presente discussão entre o físico e o digital, que desafia uma análise dicotômica na contemporaneidade. Com a ubiquidade da tecnologia no cotidiano de muitos, as espacialidades digitais funcionam de forma sobreposta às físicas.

Ainda que em um período posterior ao isolamento, possa ser dito que não houve mudanças substanciais, em termos de materialidade arquitetônica das janelas físicas, aqui se percebe, principalmente, uma mudança, em curso, da percepção dos usuários sobre o espaço doméstico. A pandemia demarcou um momento crítico, mas, de certa forma, foi parte de uma virada anunciada em relação à forma de compreender as aberturas. Enquanto evitávamos aglomerações nas ruas, aglomeramo-nos em enxames digitais. Hoje, mesmo sem recomendações de saúde, seguimos observando, de nossas janelas, muitas outras enclausuradas, e nos enclausuramos diante daquelas que se abrem para infinitos horizontes e vizinhos.

Referências

- Carvalho, R., Ninomiya, V., & Shiomatsu, G. (2020). *Notas recomendação COVID-19*. Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais. <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/108-distanciamento-social>
- Coelho, L. (2020, 6 de junho). Mortos pelo coronavírus no Brasil chegam à marca de 50 mil. In *jornal Folha de São Paulo*.
- Colomina, B. (2023a). A parede cindida: voyeurismo doméstico. In: B. Colomina, M. R. van Bodegraven, & M. B. Al Assal (Orgs.). *Arquitetura, sexualidade e mídia* (M. R. van Bodegraven, Trad.)(pp. 18-83). São Paulo, SP: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes.
- Colomina, B. (2023b). Ainda escrevendo. In: B. Colomina, M. R. van Bodegraven, & M. B. Al Assal (Orgs.). *Arquitetura, sexualidade e mídia* (M. R. van Bodegraven, Trad.)(pp. 15-17). São Paulo, SP: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes.
- Colomina, B., Bodegraven, M., & Al Assal, M. (Orgs.) (2023). *Arquitetura, sexualidade e mídia*. São Paulo, SP: Editora Escola da Cidade / Editora WMF Martins Fontes.
- Coutinho, T. (2020). *Janelas abertas: lugar de fala*. Gama Revista. <https://gamarevista.uol.com.br/sociedade/janelas-abertas/lugar-de-fala/>
- Crary, J. (2016). *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono* (J. Toledo Jr., Trad.). São Paulo, SP: Ubu Editora.
- D'Angelo, H. (2022). *Isolamento* (1 ed.). Rio de Janeiro: IndieVisível Press.
- Faria, P. (2024). *Domesticidades e contra-domesticidades: crônicas e cacarecos de vidas confinadas* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura]. Repositório Institucional da UFMG.
- Fuão, F. (2014). A collage como trajetória amorosa e o sentido de hospitalidade: acolhimento em Derrida. *Ensaio Filosóficos*, 9, 74-102.
- Haraway, D. (2000). Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: T. Tadeu (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano* (pp. 37-129). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Hitchcock, A. (Direção). (1954). *Janela indiscreta* [Filme].. Estados Unidos: Patron, Paramount.
- Le Guin, U. (2021). *A teoria da bolsa da ficção*. São Paulo: n-1 edições.
- Preciado, P. (2019). *Pornotopia: an essay on Playboy's architecture and biopolitics*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: Zone Books; distributed by The MIT Press.

Ramos, N. (2022). A destruição minuciosa de tudo. In: G. Wisnik & T. Vieira (Orgs.). *Futuros em gestação: cidade, política e pandemia* (pp. 181-189). São Paulo: Editora Escola da Cidade / WMF Martins Fontes Ltda.

Valek, A. (2021). *Hora da sincronia*. Uma palavra. <https://alinevalek.substack.com/p/hora-da-sincronia>

Velloso, R. (2018). Pensar por constelações. In: P. Berenstein Jacques & M. da Silva Pereira (Orgs.). *Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I. – modos de pensar*. Salvador: EDUFBA.

Virilio, P. (2014). *O Espaço Crítico: e as perspectivas do tempo real* (2. Ed.) (P. R. Pires, Trad.). São Paulo, SP: Editora 34. (Original publicado em 1993)

Vitral, R. (2021). *Papo com Helô D'Angelo, autora de Isolamento: "Gosto de tecer finais para histórias que ouvimos pela metade"*. Vitralizado. <https://vitralizado.com/hq/papo-com-helo-dangelo-autora-de-isolamento-gosto-de-tecer-finais-para-historias-que-ouvimos-pela-metade/>